

Entrevista concedida à Livraria Feminista Confraria Vermelha, Porto, Portugal

27 de abril de 2020

#postentrevista

Quem é a Telma

Sou como todas nós, um ser que vai sendo, em busca de si e da conexão com outros ser humanos na terra. Amo uma boa conversa, de preferência ao redor de uma mesa com comida, bebida e música. Ao mesmo tempo sou introspectiva e bastante observadora. Acho que sou no equilíbrio dessas duas coisas. Meio quarentena-style, meio corpo no mundo.

Divido meu tempo entre a arte e a ciência. Pode me chamar de bordadeira em tese ou artista-pesquisadora. A complementariedade dessas duas formas de conhecimento me alimenta e não vivo sem nenhuma delas.

Como é o dia-a-dia

Sou muito organizada e amo trabalhar, mas não tenho uma rotina fixa. Isso é ótimo porque me permite entender a cada dia o que será mais proveitoso fazer, qual minha disposição real. Esse é um privilégio raro, é preciso reconhecer. Às vezes insisto em escrever um texto, como trabalhar na minha tese, por exemplo, e acaba sendo desastroso porque naquele momento meu corpo e minha mente estavam mais propensos a ler ou a fazer algo com as mãos. O mesmo com o bordado ou as colagens. Se tenho um argumento muito organizado na cabeça, sento correndo pra escrever. O lugar da arte pra mim é o da emoção pura. Não procuro pensar muito ou planejar as obras e se o faço, travo e não consigo criar. Pra algum lugar tem que ir as emoções, que a ciência tenta ocultar!

Claro, não é tão simples nem romântico porque não fico esperando a inspiração pra cada coisa chegar. Ter um argumento organizado ou conseguir sentar e criar exige escrever muita coisa ruim antes e colocar-se em estado de percepção apurada. Isso exige prática, que não vem da noite pro dia.

Pra isso, tem algumas atividades que eu procuro fazer todos os dias como atividade física e caminhadas no bairro. Ficar sentada observando como as pessoas lidam com seu corpo, com interagem (ou não) e procuram resolver suas questões das mais superficiais às mais profundas, sempre me instiga e inspira também.

Como aparece o feminismo no seu trabalho?

Feminismo está em tudo que faço porque é um modo de estar no mundo e um modo de ver o mundo. Meu trabalho com o têxtil é sobre o mundo interior, sobre mergulhar

profundamente nos sentimentos e ir conduzindo o fio no espaço até sentir que algo ganhou forma em mim. Não tem como a gente querer repensar padrões de comportamento sem passar por esse processo. Nesse sentido, minha arte é radicalmente feminista.

O lugar do têxtil no feminismo (e vice versa) ainda é muito ambíguo. Ao mesmo tempo que era a atividade das “moças prendadas”, era justamente nesses espaços que as mulheres podiam conversar, trocar, elaborar o mundo interno e fazer resistência ao interno. Não à toa, na década de 1970 virou símbolo da luta feminista um bordado de dizia “Ladies’ sewing circle and terrorist Society” desenhado pela Sally-Jo Bowman.

Assim como o trabalho feminino, o têxtil está em tudo, e talvez por isso é quase invisível e também ainda tratado na categoria de “decoração” ou “artesanato”. Sinto muito isso nas galerias de Paris onde vivo, por exemplo. O trabalho têxtil é considerado como menor, chegou a ser banido das escolas de Beaux Arts. É tido como um conhecimento menos institucionalizado, transmitido fora do circuito oficial, menos valorizado comercialmente também.

Eu tenho muito amor por tudo que é marginal, que cruza a fronteira e faz a ponte, fazer o quê?

Quais são suas referências?

Essa pergunta é sempre difícil, não é? Tanta gente incrível, em especial mulheres. Vou colocar um limite imaginário de três pessoas pra conseguir responder. Seriam Sonia Gomes, Leonilson e Rieko Koga. Da Sonia Gomes gosto de pensar que herdo os tecidos antigos, as memórias de um passado cheio de dor e contradições e também a possibilidade de manipulá-lo hoje, cada uma a partir de seu lugar no mundo. Sonia como mulher negra e tudo que isso significa. Do Leonilson, fico com a mistura entre o texto e o têxtil e com o caráter autobiográfico tão explícito nas suas obras. Da Rieko Koga, busco a espiritualidade. Pra mim, estar com seus bordados é como estar em oração.

De onde começou sua relação com o têxtil?

Acho que como quase toda artista têxtil, eu diria que começou com as matriarcas da família. Minha avó “costurava pra fora”, como se dizia no Brasil e fazia nossas roupas quando eu era criança. Um das primeiras memórias do têxtil que tenho é de minha avó estendendo o tecido na mesa de corte. Eu ficava embaixo ou querendo mexer em uma régua enorme e na tesoura pesada, sem poder, claro. Lembro também das linhas emaranhadas e dos pequenos retalhos que caiam. É curioso lembrar disso agora.

Minha vó era muito brava e sempre tive muito medo dela. Embora não se identifique com o que eu faço, é curioso que a trama nos re-uniu recentemente. Comecei, já faz três anos ou mais uma peça em que minha avô fez um pouco de crochê, minha mãe costurou as barra e eu bordo. Um processo muito bonito, mas mexe comigo demais e

nunca consegui terminar. Para complexificar a história, o tecido é o fundo de uma pintura que uma amiga fez e era fronha do meu atual companheiro, ou seja, não consigo terminar nunca porque tem sentimento demais ali!

Como artista, como se sente no atual momento?

O momento atual traz sem dúvida muita insegurança para todas as pessoas, mas em especial para quem é trabalhador(a) autônoma. E a sensação de insegurança piora muito dependendo da forma como cada governo lida com a crise. Nem vou começar a falar do Brasil...

Por outro lado, como toda crise é oportunidade, tem algo de muito bonito que pode acontecer se a gente conseguir permanecer na angústia. Se digladiar com ela um pouco, o tempo que for necessário pra cada uma e depois atravessar. Lá do outro lado eu acredito que a gente encontra a semente mais radical da nossa existência. Dói muito, mas me parece essa uma missão do estar no mundo. Se conhecer radicalmente, essencialmente, se amar e cuidar, pra então colocar isso em movimento no mundo e tornar as interações mais leves e sensíveis.

É claro que precisamos considerar as assimetrias de possibilidades, pra quem não tem nem o sustento básico garantido, cobrar isso seria cinismo e crueldade.

O que ler agora?

Eu acabei confinada com poucos livros porque fiz, semanas antes do confinamento começar, a besteira de pedir a uma amiga para levar alguns dos meus livros de volta pro Brasil. Atualmente leio Force et Malheur da Simone Weil e estou feliz com a leitura e leio também las Muertes Chiquitas, um ensaio documental sobre orgasmos da Mireia Sallares.

Pra me manter viva, fiz uma listinha pra quando o confinamento terminar, que inclui: É isso um homem? do Primo Levi, A autobiografia de um poeta escravo do Juan Francisco Manzano, traduzido pelo Alex Castro, Diários da Susan Sontag e A Journey around my room do Xavier Maistre.

O que é a arte?

Eu me pergunto isso o tempo todo. Ontem mesmo me veio a ideia, de que a arte é a expressão da nossa verdade radical e pura em determinado momento, mas hoje há estou achando isso bobagem. Eu gosto de como a Matilde Campilho falou uma vez: “a arte salva momentos”. Ela pode fazer isso porque faz reviver uma memória antiga ou também porque nos tira dela. Nos desconecta um pouco e nos conecta também, já que as vezes andamos muito dispersos.

Alguma mensagem especial nesse momento atípico?

Não associar a privação de liberdade com pânico. É preciso descobrir como manter a mente livre e o corpo em movimento mesmo no confinamento.

Atravessar a angústia e cuidar de si para cuidar do outro, não apenas porque estamos a fazer um esforço pelo coletivo, mas porque em termos mundiais, será necessário reconstruir muita coisa quando isso tudo acabar.